

O ENSINO DA ORALIDADE A PARTIR DOS GÊNEROS DISCURSIVOS ORAIS-UMA PRÁTICA SOCIOINTERATIVA

Gracilene Barros de Oliveira (UFPB)
gracilenebarros@gmail.com

Introdução

Conforme Bakhtin (2011[1979], p. 324), “a língua, a palavra é quase tudo na vida humana”, pois é através dos enunciados, concretos e únicos, relativamente estáveis, orais e escritos que nos comunicamos e interagimos socialmente, os quais o referido autor os chama de gêneros discursivos. Segundo o mesmo autor, os gêneros discursivos, tanto orais como escritos, proporcionam-nos um rico repertório, pois emanam das mais variadas esferas da atividade humana. O autor salienta que antes de estudá-los já os usamos, mesmo que muitas vezes não tenhamos a consciência disso, e salienta que somente através de gêneros discursivos nós nos comunicamos e interagimos socialmente. A partir desses pressupostos, compreendemos que é através dos gêneros orais que iniciamos nosso processo de inserção e interação social, já que, segundo Bakhtin (2011[1979]), conhecemos os gêneros discursivos ouvindo e repetindo os enunciados das pessoas que nos rodeiam.

Nesse sentido, este trabalho apresenta, numa perspectiva sociointeracionista, uma discussão sobre o ensino da oralidade a partir dos gêneros discursivos, tendo em vista um ensino significativo para o aluno, de modo que possibilite a aprendizagem da oralidade para que essa seja usada de acordo com as especificidades das atividades humanas. Nesse sentido, trata-se de um ensino que ultrapassa a oralidade de forma generalizada, conforme defendem Schneuwly e Dolz (2013).

Este trabalho é de natureza bibliográfica e faz parte de uma investigação, em andamento, que está sendo desenvolvida a respeito do processo de ensino-aprendizagem do gênero debate, no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no Laboratório de Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Paraíba (Campus IV) sob a orientação do Professor Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, filiada ao projeto “Ensino de Leitura e de Produção de Gêneros do Discurso: perspectiva semântico-discursiva, a partir de Sequências Didáticas (ELPGD)”.

A fundamentação teórica que baseia a presente reflexão encontra-se nos estudos de Bakhtin (2011[1979]) sobre os gêneros discursivos, as contribuições de Marcuschi (1997; 2008) sobre a prática educativa, além de uma referência aos PCN (BRASIL,1998), e aos estudos de Dolz e Schneuwly (2013), no que se refere ao ensino da oralidade a partir dos gêneros discursivos orais.

O referido trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, A oralidade e sua relevância social, no qual é discutida a importância da oralidade para inserção e interação social. No segundo, a oralidade na prática educativa, que aborda o ensino da oralidade. No terceiro capítulo, refletimos de forma mais específica sobre o ensino da oralidade a partir dos gêneros discursivos.

1. A oralidade e sua relevância social

Vivemos em sociedade, participamos de diferentes situações comunicativas, de grupos sociais como as igrejas, as associações comunitárias, entre outras; exercemos papéis sociais nos diversos campos de nossa vida, somos profissionais, somos pais, somos amigos, somos cidadãos. Estamos a todo tempo comunicando-nos através de vários enunciados, sejam orais ou escritos, fazendo uso da língua, quer para fazer um simples comunicado ou comentário, quer para convencer ou persuadir alguém. Segundo Bakhtin (2011[1979]), a interação verbal é a realidade fundamental da língua, ou seja, é através da interação verbal que usamos ou efetuamos a língua de fato.

Nesse sentido, não é difícil perceber que a oralidade é tão importante quanto à escrita para a interação social, e até mesmo, uma das principais formas de interação, visto que é através de enunciados orais que ouvimos e repetimos é que iniciamos nossa inserção interativa na sociedade, conforme Bakhtin (2011[1979]).

Precisamos usar a oralidade para interagir de forma eficaz, compreender o outro e fazer-nos compreensíveis, e numa perspectiva bakhtiniana, produzirmos e reproduzirmos enunciados orais, concretos e únicos provindos das mais diversas situações concretas da atividade humana. Nessa perspectiva, compreendemos que é necessário preparar-nos para melhor desenvolver nossa capacidade linguística oral e, conseqüentemente, melhor a usarmos de acordo com as especificidades das diversas

situações sociais nas quais nos inserimos. Alguns autores abordam esse assunto de forma muito clara e sugestiva, ou seja, falam sobre a oralidade e sugerem como ela deve ser trabalhada no contexto escolar, entre os quais Dolz et al (2013) e Marcuschi (1997).

Segundo Dolz et al. (2013, p.127), “o termo ‘oral’, do latim os, oris (boca), refere-se a tudo que concerne à boca ou a tudo que se transmite pela boca. Em oposição ao escrito, o oral reporta-se a linguagem falada, realizada pelo aparelho fonador humano”. Os referidos autores ainda salientam que a oralidade pode ter um estilo espontâneo provindo das interações imediatas, não formais, adequadas ao contexto interacional, como também um estilo padronizado, provindo de situações comunicativas formais e também relacionado ao contexto de interação social. Ainda conforme esses autores, a comunicação oral além de se desenvolver no plano verbal (fala) e vocal (sons-entonação, a acentuação, o ritmo, o timbre, entre outros-), também se desenvolve no plano gestual:

Portanto, a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação discursiva vêm confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ ou prosódica e mesmo às vezes, substituí-la. (DOLZ ET AL., 2013, p.134).

De acordo com Dolz et al. (2013), a aquisição da oralidade começa de forma incidental através das interações verbais que são realizadas ainda na infância, porém ela não se restringe a apenas situações imediatas informais ou improvisadas. A oralidade é também usada em contextos que não são familiares ao usuário da língua. Os autores explicam que em diversas profissões como a do jornalista, do advogado, do homem de negócios e do professor, é necessário o domínio de recursos linguísticos específicos ao campo dessas profissões, para que ocorra a interação de forma eficaz nas esferas as quais correspondem. Sendo assim, é necessário trabalhar a oralidade de forma mais formal, no contexto de sala de aula, visando uma interação eficaz em campos específicos da atividade humana na sociedade.

Partindo desses pressupostos, compreendemos que a oralidade é necessária para a inserção e interação social, visto que seu uso vai além do ato comunicativo, ou seja,

torna-se um instrumento linguístico de interação, que se realiza através dos gêneros discursivos orais nos seus respectivos campos da atividade humana.

2. A oralidade na prática educativa

Segundo Marcuschi (1997, p.39), “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita”. Para o referido autor, uma das razões para essa postura em sala de aula é a crença de que a escola é um lugar para se ensinar a escrita, e não a fala. O referido autor salienta a importância do ensino da escrita, porém ressalta que a oralidade também deve ser objeto de ensino, visto que o homem é um ser que tipicamente fala e não um ser que tipicamente escreve, sendo assim, não se deve desprezar o ensino da oralidade no contexto escolar.

Conforme Marcuschi (1997), nos mais diversos livros didáticos de língua portuguesa não são considerados no ensino da escrita a diversidade de contextos para o uso da língua, pois se limitam à utilização da norma padrão para a produção escrita, ignorando a variação da língua em seus diversos usos contextuais. E no que se refere ao ensino da oralidade, a maioria dos autores dos livros didáticos não sabem se quer onde nem como situar o estudo da fala. Para o referido autor, a “visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita” (MARCUSCHI, 1997, p.41).

De acordo com Marcuschi (1997; 2008), não há uma oposição entre fala e escrita e sim uma relação entre ambas, pois são duas modalidades de uso da língua com funções igualmente importantes na sociedade, as quais são responsáveis pela formação cultural de um povo. Porém o referido autor ressalta que não deve haver mal-entendido entre a concepção escrita e a concepção oral, pois a oralização da escrita não é suficiente para se trabalhar a especificidade da oralidade em seus diversos usos.

Marcuschi (2008) afirma que, nos manuais de ensino de língua portuguesa, há uma relativa variedade de gêneros textuais, entretanto, os que são analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos gêneros, e os demais que aparecem nas obras servem como entretenimento ou enfeite; e poucos são os casos que tratam os gêneros escritos de maneira sistemática. E com relação aos gêneros orais em geral, o referido

autor salienta que não são tratados de modo sistemático, e afirma que as novas perspectivas e abordagens referentes à oralidade ainda caminham lentamente, apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordarem o ensino da oralidade no contexto escolar.

Apesar de Marcuschi (2008) ressaltar a posição dos PCN (BRASIL, 1998) em relação ao ensino dos gêneros escritos e orais, faz uma crítica à falta de precisão ao tratar sobre a oralidade e escrita: “o que mais salta à vista, no entanto, é a confusão entre oralidade e escrita. Pois não há clareza quanto aos critérios que teriam sido usados para estabelecer essas distinções” (MARCUSCHI, 2008, p.209)¹. Nesse sentido, o professor não tem uma orientação mais específica para trabalhar a escrita e a oralidade através dos gêneros textuais.

De acordo com os PCN (BRASIL,1998) a escola deve ser responsável pelo ensino da oralidade formal, de modo que possibilite ao aluno usá-la além dos muros da instituição de ensino, ou seja, nas várias situações de linguagem fora do ambiente escolar na busca de serviços, nas tarefas profissionais, nos encontros institucionalizados, na defesa de seus direitos e opiniões. Situações nas quais, segundo o referido documento, os alunos serão avaliados, aceitos ou discriminados. Nesse sentido, espera-se que a instituição de ensino prepare os alunos para usar a oralidade em diversas situações concretas formais públicas de forma competente:

cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL,1998, p.25)

De acordo com os PCN (BRASIL,1998), é dever da instituição de ensino preparar o aluno para usar a linguagem oral no planejamento e na realização de apresentações públicas de forma significativa, nesses termos a escola torna-se o ambiente responsável pela aprendizagem da oralidade formal dos alunos, visando às

¹ Neste trabalho, não aprofundaremos esses aspectos dos quais fala Marcuschi (2008), já que nosso foco é o que diz os PCN sobre a oralidade, de maneira geral.

práticas sociais de linguagem; mas o que pode realmente ser explorado através do ensino da oralidade? Apenas a utilização oral nas apresentações públicas, ou o ensino da oralidade pode alcançar múltiplos aprendizados?

Ainda segundo os PCN (BRASIL,1998) a escola deve organizar uma gama de atividades que possibilite ao aluno usar a linguagem para escutar e produzir os textos orais de acordo com as demandas sociais, além de estruturar a experiência e explicar a realidade, entre outros objetivos. Como diz Bakhtin (2011[1979], p. 324), “a língua é quase tudo na vida”, precisamos usar a linguagem de acordo com as especificidades de cada campo, e conseqüentemente, obter êxito nas diferentes situações de interação.

Os autores Schneuwly e Dolz (2013) afirmam que muitos professores entendem que trabalhar a oralidade em sala de aula é uma tarefa secundária, inserida nas atividades cotidianas escolares, o que acarreta uma perda para o aluno, pois o ensino da oralidade pode trazer aprendizados múltiplos no ensino de linguagem.

De acordo com Dolz et al. (2013), o ensino da oralidade deve ser tratado como um fenômeno de linguagem heterogêneo que depende de contextos variáveis e deve ser trabalhado em constante interação com a escrita, não se restringido à escrita oralizada, que os autores chamam de vocalização, mas à escrita como utilização de recursos linguísticos específicos para configuração das atividades de linguagens específicas as quais correspondem.

Para os referidos autores, as formas de interação entre a oralidade e a escrita são múltiplas, vão desde a pré-escola, em que as crianças aprendem a recitar e interpretar oralmente textos escritos, à aprendizagem de marcas linguísticas de conexão, de coesão e de modalização próprias de certos textos argumentativos escritos. Segundo os autores, o essencial para se trabalhar o desenvolvimento oral é não caracterizar a oralidade em geral, trabalhando exclusivamente aspectos específicos da fala, mas conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que mantêm com a escrita.

A constituição do oral como objeto legítimo de ensino exige, portanto, antes de tudo, um esclarecimento das práticas orais da linguagem que serão exploradas na escola e uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados. (DOLZ ET AL., 2013, p.140)

Conforme os mesmos autores, a oralidade envolve muitas atividades de linguagem, já que a produção oral se dá de forma interacionista e social. Sendo assim, defendem o ensino da oralidade em uma abordagem sociointeracionista em que o aluno aprende instrumentos semióticos que lhe permite construir e reconstruir suas próprias funções psíquicas para uso nas diversas situações sociais de linguagem. Nessa perspectiva, os gêneros orais são tidos como as unidades concretas nas quais deve dar-se o ensino da oralidade.

3. O ensino da oralidade a partir dos gêneros discursivos

Bakhtin (2011[1979]) enxerga a língua como concreta e viva, como fenômeno que se dá através de um constante processo de interação, mediado pelo diálogo no plano discursivo. Nesse sentido, a língua existe em função do uso dos locutores e interlocutores, em diversas situações comunicativas e se realiza através dos gêneros discursivos, de acordo com as especificidades da atividade humana. O autor define os gêneros discursivos como formas de enunciados (orais e escritos) relativamente estáveis, concretos e únicos, que emanam das mais variadas esferas da atividade humana, os quais são usados para interagirmos socialmente.

Conforme Bakhtin (2011[1979]), os gêneros discursivos nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, ou seja, através de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e reproduzimos na comunicação com as pessoas que nos rodeiam. O autor salienta que “aprender a falar significa aprender a construir enunciados” (p.283).

De acordo com Bakhtin (2011[1979], p.282), “falamos apenas através de determinados gêneros discursivos”. Isso significa que a interlocução humana só se dá através dos gêneros discursivos orais e escritos no campo social em que é realizada a comunicação. Partindo desse pressuposto, é possível inferir que, na situação comunicativa oral, contamos com os gêneros orais como mediadores da interação discursiva. Nesse sentido, podemos afirmar que os gêneros orais tornam o ensino da oralidade significativa para o aluno, oferecendo-o instrumentos linguísticos que podem ser usados de forma relevante em vários contextos sociais de linguagem.

Schneuwly (2013, p.117) apresenta uma concepção rica e complexa sobre a oralidade, ou melhor, sobre os gêneros orais: “O oral não existe; existem os orais,

atividades de linguagem realizadas oralmente, gêneros que se praticam essencialmente na oralidade, ou então, atividades de linguagem que combinam oral e escrita.” Para o autor, os gêneros orais são multiformes práticas de linguagem que se dão prioritariamente pelo uso da palavra falada, que pode se aproximar da escrita ou se distanciar, sendo portanto, muito importantes para o ato comunicativo. Assim como os gêneros escritos, os gêneros orais são produtos sócio-históricos e instrumentos semióticos para o desenvolvimento da linguagem.

Dolz et al. (2013), a partir de uma visão bakhtiniana, afirmam que os gêneros discursivos funcionam como formas intermediárias entre o enunciador e o destinatário, e que numa dada cultura suas representações ligadas aos textos são fundamentalmente genéricas pois:

cada um de nós, um dia ou outro, conta uma fábula a uma criança, assiste à exposição de um professor, à uma conferência pública, apresenta regras de um jogo a um grupo de amigos, estabelece um diálogo para pedir informações num guichê, apresenta-se para uma entrevista profissional para obter um emprego, escuta conversas, entrevistas ou debates no rádio ou televisão. Cada um de nós reconhece imediatamente esses gêneros como tais e a eles se ajusta em suas próprias produções. (DOLZ ET AL., 2013, p. 142).

Para os referidos autores, o que possibilita as ações de interação nessas situações genéricas de linguagem, numa dada cultura, são as formas padronizadas dos gêneros discursivos. Nesse sentido, os autores lembram que os critérios para a definição e distinção dos gêneros apresentados por Bakhtin (2011[1979]) - o conteúdo, o estilo linguístico e a estrutura composicional - assim como estão presentes nos textos escritos, também estão presentes nos textos orais. Por fim, Dolz et al. (2013, p. 141), referenciando Bonckart (1997), definem texto como “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada linguisticamente e que tende a produzir um efeito de coerência sobre seu destinatário”.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros discursivos orais não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sócio-comunicativos, estão presentes em várias atividades da comunicação humana, desde os gêneros discursivos simples, como o diálogo familiar, a gêneros mais complexos como o debate. O referido autor salienta que o funcionamento da língua no dia a dia é mais do que tudo, um processo de integração social.

Nesse sentido, vale salientar que, conforme Schneuwly (2013), o ensino dos gêneros discursivos orais prepara o aluno para interagir nas diversas situações sociais concretas da atividade humana, sejam elas formais ou informais, visto que emergem das situações concretas sociais e possuem uma estrutura linguística específica do campo da atividade humana na qual está inserido. Sendo assim, é conveniente e oportuno que os gêneros orais sejam usados como instrumentos para desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas a serem usadas no processo da interação social.

Dolz et al. (2013, p.147) afirmam que “o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores”. Em consonância com essa concepção, encontramos nos PCN (BRASIL,1998) que o ensino da oralidade, a partir dos gêneros orais mais formais desenvolve capacidades que o sujeito precisa para poder interagir na sociedade em geral, preparando-o para participar da vida cidadã de forma ativa.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso aos usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exigem controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p.67)

O que vemos de forma clara nos PCN (BRASIL,1998) reforça a discussão que apresentamos até agora, o ensino da oralidade não deve se limitar ao sentido geral da fala, mas deve ser trabalhado para uso das práticas sociais de linguagem onde o sujeito se insere. Isto significa, nas perspectivas de Dolz et al.(2013), preparar os alunos para o domínio dos gêneros orais de acordo com suas especificidades, para que esses sejam usados nos mais diversos campos sociais possíveis, conforme seja necessário.

Para Schneuwly (2013), trabalhar os gêneros orais pode dar acesso ao aluno a uma enorme variedade de atividades de linguagem de diferentes campos sociais, possibilitando o desenvolvimento das capacidades linguísticas através de diferentes caminhos, segundo as personalidades e necessidades dos alunos, preparando-os para as

mais diversas práticas da oralidade na sociedade. Sendo assim, os gêneros orais são apresentados pelos autores como instrumentos que não só possibilitam a interação verbal, como também a aprendizagem, por serem instrumentos semióticos organizados de maneira regular.

De acordo com Dolz et al. (2013), mesmo que reconheçamos os gêneros imediatamente e moldemo-nos a eles em nossas próprias produções enunciativas, ainda podemos ter dificuldades para distinguir os gêneros vizinhos, em um conjunto de textos empíricos (referentes a uma comunidade cultural), como a conversa e a entrevista, a discussão e o debate, daí a importância dos elementos necessários para essa distinção: os conteúdos, a estrutura comunicativa, e as configurações estilísticas. Sendo assim, os autores veem os gêneros como instrumentos que possibilitam a comunicação e que podem ser aprendidos: “Aprender a falar é apropriar-se dos instrumentos para falar em situações de linguagem diversas, isto é, apropriar-se dos gêneros” (DOLZ ET AL., 2013, p. 143).

Partindo da concepção de que os gêneros discursivos são instrumentos que possibilitam a comunicação e que podem ser aprendidos, os referidos autores falam da importância de se aprender os gêneros orais formais realizados em públicos, visto que os alunos dominam bem os gêneros do cotidiano, porém não dominam os gêneros formais públicos porque possuem formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores. Nesse sentido, para serem usuários competentes desses gêneros, os alunos devem se dedicar a aprender a usá-los, como sugerem os autores.

A partir da concepção de Dolz et al.(2013), podemos afirmar que o objetivo principal de trabalhar os gêneros orais na escola é preparar o aluno para usá-los nas práticas sociais de linguagem. Para que esse procedimento ocorra de forma eficaz, o ensino dos gêneros orais deve partir de situações concretas da realidade, já que os gêneros orais estão ancorados em situações concretas, conforme Marcuschi (2008).

Ainda segundo Dolz et al.(2013), o trabalho com os gêneros orais deve explorar a gama de recursos linguísticos que os compõem, tanto os recursos verbais, quanto os não verbais, de modo que sejam percebidas as relações de sentido que há, como o olhar, a entonação da voz, as marcas linguísticas, sendo todo esse trabalho a partir de uma situação concreta, já que os gêneros orais dependem de contextos variáveis.

Para os referidos autores, o ensino dos gêneros orais envolve os alunos em diversas atividades de linguagem, dotando-os de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos, além de fornecer um quadro de análise dos conteúdos, da organização do conjunto do texto e das sequências que o compõem, assim como das unidades linguísticas e das características específicas da textualidade oral. Nesse sentido, trabalhar a oralidade a partir dos gêneros discursivos orais é preparar os alunos para interagirem de forma mais competente, em diversas situações sociais, fornecendo-lhes elementos linguísticos para que essa interação aconteça de forma eficaz.

Considerações Finais

Nas perspectivas apresentadas nesse texto, o ensino da oralidade deve ser oferecido pela escola de modo a proporcionar ao aluno um rico repertório de gêneros orais, tendo em vista a aprendizagem da linguagem oral formal, de modo que possibilite ao aluno usá-la nos diversos contextos sociais nos quais poderá interagir e exercer a sua cidadania.

Nesse sentido, o ensino da oralidade a partir dos gêneros orais não só prepara o aluno para as práticas sociais de linguagem, como também trabalha a criticidade do aluno e a compreensão linguística dos referidos gêneros.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979].

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental: 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. **O Oral Como Texto: Como Construir um Objeto de Ensino**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. / Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013 – (Coleção as Faces da Linguística Aplicada).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

_____. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: Uma visão crítica.** In: **REUNIÃO ANUAL DA SBPC**, 49, Belo Horizonte, Jul.1997. Trabalho em Linguística Aplicada, v.30, p.39-79.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e Ficcionalização: **Um Caminho Para o Ensino da Linguagem Oral.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** / Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013 – (Coleção as Faces da Linguística Aplicada).

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros Escolares- Das Práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** / Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013 – (Coleção as Faces da Linguística Aplicada).